

17 de Fevereiro 2020  
Segunda-feira  
Semanário - Ano 5  
Nº 196  
Director-Geral  
Evaristo Mulaza



HERANÇA DA SONANGOL

## ANPG explica excesso de trabalhadores

A redução de trabalhadores consta dos planos da Agência de Petróleo, Gás e Biocombustíveis, a prazo. A agência herdou mais de 600 funcionários afetos à então concessionária Sonangol, número considerado excessivo, face aos pares internacionais, e que só pode ser otimizado com tempo, segundo fonte da entidade. **Pág. 9**

GONÇALVES MUANDUMBA, GOVERNADOR DO MOXICO

# “Se me derem 200 milhões USD, resolvo a maka das estradas”



Julio Gomes © VE

**ENTREVISTA.** À frente da maior província em extensão territorial, há mais de dois anos, Gonçaves Muandumba não tem dúvidas em identificar o problema das estradas como o maior entrave ao crescimento e desenvolvimento do Moxico, sobretudo por impedir o escoamento dos produtos. O governante abre o livro do “vasto potencial” económico da parcela que dirige e revela detalhes do que mais é necessário para colocar o Moxico na rota dos investidores. **Págs. 4 a 7**

ALERTA DE ACADÉMICO CHINÊS

## Empresários chineses só regressam com fim do Coronavírus



**NEGÓCIOS.** A partir de Março, os produtos chineses em Angola começam a escassear, por causa das fábricas fechadas na China. Mas também pelo facto de os investidores chineses se recusarem a regressar a Angola, antes que seja declarado o fim da epidemia do coronavírus. O alerta é de Shang Jing, investigador do Centro Chinês de Estudos dos PALOP. **Pág. 8**

# Editorial

## A FACTURA AMERICANA

A passagem de Mike Pompeo por Luanda ressuscitou as preocupações sobre o custo do pragmatismo com que os Estados Unidos abordam a diplomacia, especialmente com os países do terceiro do mundo. Das conversas que manteve com as autoridades angolanas, o secretário de Estado norte-americano evocou a disponibilidade do seu país em apoiar Angola no combate à corrupção. Mas não fez transpirar uma única palavra sobre as exigências que a equipa de Donald Trump fará ao Governo de João Lourenço, para que Luanda venha a contar com o apoio de Whashington. E é aqui onde se coloca a tal questão do custo do pragmatismo americano.

Obcecados pela histórica agenda de dominação global, os

Estados Unidos não poupam no valor da factura, especialmente quando do outro lado está um país 'minúsculo e indeciso' quanto ao alinhamento com a sua narrativa na política global. John Sullivan, o secretário de Estado adjunto norte-americano, quando esteve no país, em Março do ano passado, foi específico. Qualquer apoio expressivo de que Angola precisasse por parte de Washington, teria antes de assinar os votos de um casamento monogâmico. Isto equivaleria abandonar a parceria histórica e grata com a China e afastar-se da Rússia. De outra forma, o comprometimento americano estaria sempre comprometido.

Com a passagem simbólica de Pompeo agora, é uma hipótese que o tema do alinhamento, em detrimento do eixo chinó-russo, tenha sido equacionado como moeda de troca. E, como se sabe,

as consequências de uma eventual cedência neste sentido podem ser incalculáveis, porque o preço da fidelidade dos pequenos aos americanos roça invariavelmente as fronteiras da soberania.

E não se deve subestimar a razão de ser desses receios em Angola. Primeiro, porque anda mais do que evidente que o Governo de João Lourenço é menos entusiasta da relevância da amizade chinesa, apesar do resgate histórico que a China - e apenas a China - ofereceu a Angola no momento mais difícil do pós-guerra. Segundo, porque a convicta preocupação do poder angolano em atingir, de forma mais específica, alguns notáveis, apanhados no controverso combate à corrupção, pode levar à perda de certo reflexo. Ao ponto de se relativizar a soberania em nome de um projecto que, para muitos, continua a cheirar a 'coisa selectiva'.



### FICHA TÉCNICA

**Director-Geral:** Evaristo Mulaza  
**Directora-Geral Adjunta:** Geralda Embaló

**Editor Executivo:** César Silveira  
**Redacção:** Antunes Zongo, Isabel Dinis, Júlio Gomes e Suely de Melo  
**Fotografia:** Mário Mujetes (Editor) e Santos Samuessa  
**Secretária de redacção:** Rosa Ngola

**Paginação:** Edvandro Malungo, Francisco de Oliveira e João Vumbi  
**Revisores:** Edno Pimentel, Evaristo Mulaza e Geralda Embaló

**Colaboradores:** Cândido Mendes e Mário Paiva  
**Propriedade e Distribuição:** GEM Angola Global Media, Lda  
**Tiragem:** 00 N° de Registo do MCS: 765/B/15

**GEM ANGOLA GLOBAL MEDIA, LDA Administração:**  
Geralda Embaló e Evaristo Mulaza  
**Assistente da Administração:** Geovana Fernandes  
**Departamento Administrativo:** Jessy Ferrão e Nelson Manuel  
**Departamento Comercial:** Geovana Fernandes

**Tel.:** +244941784790-(1)-(2)  
**N° de Contribuinte:** 5401180721  
**N° de registo estatístico:** 92/82 de 18/10/82  
**Endereço:** Rua Fernão Mendes Pinto, n° 35, Alvalade, Luanda/  
Angola, Telefones: +244 222 320510;  
222 320511 Fax: 222 320514  
**E-mail:** administracao@gem.co.ao;  
comercial@gem.co.ao

# A semana

## 3 PERGUNTAS A...



### Mussa Mussa,

assistente da Divisão de Análise Comportamental do Banco de Central de Moçambique

#### Que análise faz da banca?

A banca angolana é excelente do ponto de vista de qualidade, sobretudo do ponto de vista da apreciação do dever de conduta, havendo muitos segmentos de proximidade com a banca moçambicana. Portanto, o sector nos dois países está no bom caminho.

#### Quais são as queixas mais frequentes que o banco central de Moçambique regista?

Temos uma amplitude muito grande de queixas resultante da postura dos bancos. O Banco de Moçambique regista queixas a nível da concessão de créditos, de cartões bancários, incumprimento na prestação de informação actualizada, bem como na operacionalidade dos instrumentos de electrónicos. Como banco central, temos actuado, abordando os bancos sobre as ocorrências.

#### Em que aspectos a banca angolana deve melhorar?

Uma mera apresentação não me permite ter uma ideia da profundidade do sistema. Pelo contrário, consigo notar, do que me foi dado a ver pelos colegas do BNA, haver muitas situações próximas que indiciam estarmos no bom caminho. Portanto, não sou capaz de fazer uma apreciação de deficiência com base numa mera apresentação, nem é eticamente correcto fazê-lo.

## 11 TERÇA - FEIRA

A ministra das Pescas e Mar, Maria Antonieta Baptista, inaugura o Centro de Apoio à Pesca Artesanal do Egipto Praia, no Lobito, Benguela, que teve um investimento do Estado de 2,48 milhões de dólares.

## 12 QUARTA - FEIRA

Angola passa a fazer parte do Conselho de Emolumentos do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), órgão subsidiário do Conselho de Governadores que fiscaliza as acções desta Agência das Nações Unidas.

## 13 QUINTA - FEIRA

O representante do Banco Mundial, Olivier Lambert, sugere que, para a melhoria do Doing Business, Angola precisa de um quadro contabilístico e de auditoria transparente, devendo articular os números e o relatório financeiro em tempo oportuno.



## 14 SEXTA - FEIRA

O secretário de Estado do Petróleos, Alexandre Barroso, entende que a nova lei sobre os derivados de petróleo permitirá mais privados no mercado e a construção de novos postos de abastecimento, estimando que se ultrapasse os 1.132 até 2022.



## 18 SÁBADO

A Câmara de Comércio Angola-Brasil capacita 150 empreendedores, no Cunene, em técnicas de soltura de custos e lucros, de expansão de empresas, assim como métodos de criação de rede de divulgação das empresas e negócios por via da internet.



## 19 DOMINGO

O secretário de Estado do Comércio, Amadeu Nunes, realiza uma visita de trabalho ao longo das fronteiras da Lunda-Norte para se inteirar das condições em que são feitas as trocas comerciais e evitar a fuga ao fisco. A província conta com 23 postos.



**SEGUNDA-FEIRA** O banco espanhol Abanca fecha um pré-acordo de aquisição de pelo menos 95% do capital do EuroBic, entidade que tem como accionistas maioritários Isabel dos Santos, com 42,5%, e Fernando Teles, com 37,5%.

## COTAÇÃO



### FIM DA QUEDA DO PETRÓLEO

Finalmente o petróleo abre a semana em alta, depois de sete semanas a cair. No primeiro dia desta semana, o petróleo WTI, para Abril, operava em alta de 0,52%, para 52,59 dólares o barril, face ao preço com que terminou a semana passada, período em que arrancou a ser negociado a 49,57 dólares depois de um recuo de 1,49%. Já o Brent, também para Abril, fechou com avanço de 0,61% para 57,67 dólares, depois de, no início da semana passada, ter arrancado com o recuo de 2,81% e a ser negociado por 50,11 dólares.



### MEDIDAS CHINESAS CONTRA CORONAVÍRUS ESTIMULAM BOLSAS EUROPEIAS

O Banco do Povo da China (PBoC, na sigla em inglês) anunciou, esta segunda-feira, medidas com o objectivo de fazer frente ao surto de coronavírus. Destacam-se a redução do juro da linha de crédito de médio prazo, de 3,25% para 3,15%, e a injeção de 300 mil milhões de yuans (cerca de 43 mil milhões de dólares) no sector bancário, medidas que tiveram impacto positivo nas principais bolsas europeias.

# Entrevista

GONÇALVES MUANDUMBA, GOVERNADOR DO MOXICO

## “A divisão administrativa da província não pode beneficiar grupos étnicos”

Classifica como “extremamente importantes as vias rodoviárias”, para o escoamento da produção agrícola que “chega a apodrecer” e do “desenvolvimento económico” de uma província com “incalculáveis recursos naturais”. Muandumba sente-se “honrado por dirigir a maior província do país”, mas sem estradas e, por isso mesmo, “muito atrasada do ponto de vista económico”, mas está animado para vencer a ‘dura batalha’ do subdesenvolvimento.

Por Júlio Gomes

**D**

**ois anos depois de assumir o cargo, como avalia a situação económica da província?**

Em primeiro lugar, estou a dirigir a maior província de Angola, com 223 mil 23 quilómetros quadrados, portanto quase 20% do território nacional. Fronteira, distante dos principais centros de decisão, nomeadamente, a 1.314 km de Luanda, logo, distante do litoral, com muitas dificuldades. Desde a época colonial foi palco de guerra. Foi aqui onde se alcançou a paz e onde está o único monumento em homenagem à paz. É uma província histórica, onde se realizou a luta de libertação nacional e morreram muitos heróis, estando muitos deles aqui sepultados. Além disso, o território é a confluência de vários grupos etnolinguísticos,

desde tchokwes, mbundas, lundumbos, lutchazes, nganguelas, umbundus. É um rico mosaico cultural. Sentimo-nos honrados por o senhor Presidente da República nos ter colocado o desafio e com a população gerirmos a província.

**O que isso representa?**

O novo paradigma de governação é no sentido de uma aproximação entre governados e governantes. Que privilegia o diálogo aberto permanente, estrutural e institucional, de maneira a partilharmos os problemas, as soluções e os resultados. O que se pretende não é que o Governo é que sabe tudo e manda, mas fazer a comunidade participar também na busca da solução.

**E do ponto de vista económico?**

É uma província com um potencial enormíssimo e incalculável. A maior reserva hidrográfica até da África Austral está no Moxico. Tem 54 rios, três dos quais navegáveis. Não me estou a referir a riachos nem rios secos. Devem calcular a necessidade de pontes



Mário Miguel © VE

e as dificuldades com as vias de acesso, de circulação.

**E como contornar as dificuldades?**

Estabelecemos duas áreas primordiais: a primeira tem que ver com as infra-estruturas, redes viárias, ou seja, estradas secundárias, terciárias, pontes e pontecos. A segunda é a agricultura. Moxico, em 2014, tinha 758.858 habitantes, hoje estamos perto de um milhão. Ainda assim, tem muita terra livre para cultivar, com um pasto rico.

Além disso, na época colonial, foi dos maiores produtores de arroz, é o maior produtor de mel e de madeira. Temos um enormíssimo potencial que precisa de ser efectivamente explorado, mas precisamos de infra-estruturas, incluindo energia eléctrica. Segundo dados do Ministério da Agricultura e Florestas, Moxico é o maior produtor de mandioca do país.

**Não é Malanje que lidera essa produção?**

É uma questão muito interessante: parece Malanje. Porquê? Por causa do escoamento e da transformação que faz só de um derivado, porque da mandioca derivam 80 a 90 subprodutos. Malanje tem o escoamento facilitado e está perto do maior mercado de consumo, Luanda.

**O governo provincial não faz pressão para resolver a maka das estradas?**

Pressão temos feito, mas temos de resolver porque a população quer resultados. O nosso maior problema são as estradas. O sector familiar produz quase 20 mil toneladas de arroz/ano. Mas não se vê, estraga-se, ou volta a ser semente por causa da falta de escoamento. Temos muitas famílias, associações de camponeses, de antigos combatentes a produzir elevadas quantidades de vários produtos como feijão, mas a frustração está no escoamento e na comercialização.

**Havendo muitos rios, a pesca fluvial não entra nas contas de**

“Apresentámos um conjunto de preocupações, aquilo que chamamos do Moxico real e não escondemos e nem floreamos nada.”

#### recursos exploráveis?

Temos aqui, salvo erro, o terceiro ou quarto maior lago de África: o lago Dilolo! Aquilo é um mar rico em peixe, desde a tuqueia ao peixe do meu tamanho e há cooperativas de jovens que pescam em condições precárias. O nosso esforço é conseguir crédito para a juventude fazer uma pesca com meios compatíveis e assim fazer uma boa secagem, embalagem e depois o escoamento e a comercialização.

#### O comboio do CFB não ajuda?

De alguma maneira estamos facilitados com o caminho-de-ferro. O problema é os produtos saírem do interior para a linha férrea. Aqui próximo no Leua há uma cooperativa agrícola feminina chamada ukulungunga (paz, sossego em tchokwe) que tem uma produção de mandioca incalculável. Por isso é que todos os anos promovemos feiras em que cada município expõe os seus principais produtos. Cameia faz a ‘Feira da banana’, é uma forma de incentivar a produção porque é consfrangedor produzir e não vender. De alguma maneira, isso incentiva os produtores, porque estes eventos têm sido concorridos por gente que vem das Lundas, do Huambo, do Bié, da Zâmbia.

#### O Presidente da República visitou a província durante dois dias. O que isso representou?

Isso confere a importância que o PR atribuiu ao interior. Apresentámos um conjunto de preocupações, aquilo que chamamos do Moxico real e não escondemos e nem floreamos nada. Obviamente, com algumas propostas de solução. Penso que foram bem acolhidas.

#### Mas que preocupações?

Por exemplo, o município do Alto Zambeze é o maior do país. Tem quase 40 mil quilómetros quadrados. São vários países. Tem uma reserva mineral incalculável de cobre, diamantes, ouro, manganês. Estamos abertos ao investimento e vamos fazer, em Outubro, a segunda edição da Expo-Moxico. Queremos ver se nos ajudam a transmitir esse evento para que haja uma boa representação de empresários nacionais e estrangeiros que queiram investir.

#### Não seria melhor ‘repartir’ a província por causa da enorme dimensão?

Este é um dossier que está em discussão, a ser preparado. A divisão



## Perfil

Nascido na Lunda-Sul, em 1957, onde também chegou a exercer o mesmo cargo de 1992 a 1999, o governador Gonçalves Manuel Muandumba tem duas licenciaturas, uma em Filosofia e outra em Direito, ‘arrancadas’ na Universidade Lusíada. Frequenta o mestrado na Faculdade de Direito em matéria jurídico-político e governação moderna. Membro do bureau político do MPLA. Ao qual aderiu “desde tenra idade”, Muandumba que, além do português, fala fluentemente francês, espanhol e tchokwe, foi primeiro secretário da JMPLA e no Governo, entre 2005/2008, de vice-ministro passou para ministro da Juventude e Desportos de 2008 a 2016. De 2016 a 2017, foi ministro da Assistência e Reinserção Social.

política e administrativa da província deve facilitar a governação. Para levar uma governação mais próxima da população, para trazer mais desenvolvimento e deve fortalecer a unidade nacional e ajudar a cultura riquíssima da região. É necessário que a divisão seja feita nessa perspectiva, nunca para beneficiar grupos étnicos. Está a ser estudada. Aliás, Moxico é quase quatro vezes maior que Portugal, logo se impõe que essa divisão facilite a administração, mas devemos criar o mínimo de condições de infra-estruturas.

#### Voltemos ao Alto Zambeze. Foi ali onde o PR lançou o Programa Integrado de Intervenção nos Municípios (PIIM)...

Isso deu-nos uma grande responsabilidade. Só o Alto Zambeze precisa e vai beneficiar, no âmbito do PIIM, de 20 pontes embora secundárias e terciárias, mas estruturantes e importantes para a circulação.

**Mas o programa está atrasado...** Está atrasado, mas tem algumas

nuances, ou seja, algumas acções. Por exemplo, a famosa estrada de acesso à escola superior já está asfaltada. O que eventualmente nos faltará é a comunicação. Além de que se pretende, com o PIIM, experimentar um programa concreto de impacto que dê visibilidade, mas que sejam garantidos todos os pressupostos de contratação pública, nomeadamente transparência, isenção e qualidade final do trabalho. Daí alguma cautela. Às vezes, as pessoas dizem que é muito rigor, é muita papelada. Também é uma verdade.

#### A gestão centralizada do programa não atrapalha?

O PIIM para o Moxico são aproximadamente 22 mil milhões de kwanzas. O dinheiro já lá está. Isso está descentralizado. Agora a dinâmica tem de ser nossa. Já está uma estrada concluída no âmbito do programa, faltando concluir a iluminação solar, a sinalização da via os passeios, mas já está asfaltada. O Alto Zambeze já lançou alguns con-

ursos. Eu, pessoalmente, a 4 de Fevereiro, lancei a pedra de duas escolas previstas para o município da Cameia.

#### E quantos projectos estão alinhados?

No quadro do PIIM, são 87 acções das quais seis de nível central e outras de nível provincial. Assim são cerca de 62 ou 63 acções directamente da responsabilidade dos municípios. Por isso, o programa não está centralizado. Agora temos de reconhecer que, para os pressupostos exigidos para se fazer contratação, os cadernos de encargos e avaliação, os municípios não têm quadros.

#### O que fazer?

Criámos uma comissão provincial que está a monitorar e apoiar cada município. Tem de se reconhecer que há alguns atrasos, mas não de pagamentos, porque logo que o processo esteja concluído é só mandar para a direcção nacional de contratação pública e começa a implementação.

#### Luacano está isolado por estrada e não há comunicação telefónica. O que pensa?

Uma das grandes preocupações tem que ver com a rede viária. A estrada do Luau/Luacano/Cameia/Leua/Luena/Cuito até Benguela é nacional. Segue a linha férrea. É da competência do Inea, ou seja, do Ministério da Construção e Obras Públicas. Recebemos uma parte do kit de equipamentos que o Governo disponibilizou para fazermos a nossa parte nas vias secundárias e terciárias. Luacano, tal como outros municípios, está isolado. Mais grave ainda é o isolamento do Alto Zambeze, se bem que a via melhorou em resultado da intervenção feita no ano passado. Antes tinha crateras e fazia-se no troço Luau/Cazombo, quase 10 horas, quando agora são apenas três horas.

#### É uma conquista...

Estamos satisfeitos com o kit, mas não imagina a responsabilidade que temos para um equipamento tão bom, robusto e moderno. O grande desafio é optimizá-lo, aproveitá-lo bem e conservá-lo porque tem custos elevados, mas é uma salvação para intervir nas vias. Aliás, Moxico é, a par do Kuando-Kubango, a única província que não tem estrada asfaltada da capital da província para os municípios. É um grande desafio. Vamos atacar as vias secundárias de ligação das sede municipais às comunas, zonas de produção, aldeias, para as fronteiras, o que vai impulsionar a economia da província e do país. Aliás, dados não confirmados indicam que 60% do bagre consumido no país sai do Moxico.

#### No troço Luau/Cazombo foram ‘torrados’ 800 milhões de kwanzas, mas voltou a degradar-se com as chuvas. Não pensa numa solução definitiva?

Aquela é uma estrada estruturante também. A intervenção que se fez é da responsabilidade central e vai continuar. Mas é preciso falar de uma estrada importantíssima que liga o norte e sul do Moxico, desde Lumbala Caquengue ao Lucusse. São quase 200 quilómetros de chana. Na época seca, é um areal e os todo-o-terreno devem circular a uma velocidade uniforme de 120 km/hora para não enterrar. No tempo chuvoso, não se vê a estrada por causa

*Continua na página 6*

# Entrevista

Continua da página 5



da inundação. Ela consta do PIIM, com uma jangada.

#### Qual é o valor dessa empreitada?

Está estimada em mais de 500 milhões de kwanzas só para a terraplanagem. Já foi feito o concurso e está adjudicada. Tenho de reconhecer que entre 2013 e 2015 começou a fazer-se um trabalho de asfaltagem do Luena a Lum-bala Guimbo só que não se acabou. Para ir a Cangamba, sede do município do Luchazes, é um martírio. Quando chegarem os tempos bons, avançaremos com asfaltagem, quando não, com a terraplanagem, porque sem estradas não há desenvolvimento, nem vida sequer.

#### Mas a asfaltagem dos 256 quilómetros entre Luau e Cazombo está calculada em USD 200 milhões...

Sim, mas com 200 milhões de dólares resolvo o problema das estradas, recorrendo a tecnologias modernas como em países como a África do Sul, onde nem

tudo é asfalto. São sistemas testados que duram pouco mais de 20 anos e resolvem o problema da mobilidade.

#### O que se passa de concreto com a exploração ilegal da madeira?

Não sei se há pessoas que estão a explorar de forma ilegal. Falemos da forma desorganizada, da delapidação que está a ser feita. Porque às vezes pode ter licença. Mas como é que alguém tem licença para explorar vários metros cúbicos de madeira e não sabe onde fica o terreno, mas a partir de Luanda tem licença? E o produto? A província tem de sentir o efeito e o impacto da riqueza, de forma directa. A transformação da madeira para a criação de emprego é uma exploração sustentável que faça a reflorestação e que não afecte o ambiente e outros produtos que estão na floresta porque ali não há apenas madeira, mas também abelhas e mel. Defendemos que deve explorar madeira quem é

verdadeiramente um empresário do sector que pague impostos e que ficam aqui.

#### Com o PR também partilhou essa preocupação?

Quando o PR cá esteve reunimos durante duas horas e meia, passámos à 'pente fino' as necessidades e ideias com cerca de 20 ministros e essa foi uma das questões que colocámos e foi aceite.

#### Enquanto isso, o peso da província no PIB é residual...

De momento sim, mas há aqui um potencial muito grande. Se nós conseguirmos pôr o sector mineiro a explorar, Moxico terá peso na economia nacional.

#### Sem estradas, o turismo também é para esquecer?

Exactamente!

#### De que forma a aproximação com outros países pode ajudar?

Em 2018, quando fizemos a Expo Moxico participaram cerca de 50

empresários zambianos interessados em investir e serem tratados como nacionais. Prova disso é que cá está uma empresa de construção de estradas, bastante experiente que veio com equipamento próprio e que pode empregar 230 jovens. Na fase de instalação, já trabalha com 50. Outras empresas também estão a vir da Zâmbia. Da RDC também participaram da Expo e estão interessados em investir no comércio rural. A Zâmbia também tem uma experiência sólida rural que temos de aprender. Aliás, os povos na fronteira têm a mesma língua e por isso os mesmos costumes.

#### E volta o comboio turístico...

O ano passado, o comboio veio de Dar-Es-Salam. Volta novamente este ano com turistas internacionais. Aqui temos o segundo parque nacional, da Cameia que é uma zona turística por excelência. Está no nosso pacote de desenvolvimento do ecoturismo. Os ministérios do Ambiente e do Turismo

já têm levantamentos e estamos a organizar o parque com fiscais e a criar condições para que os animais retornem.

#### A caça furtiva não entra no leque de inquietações?

Estamos muito preocupados. A província é muito extensa e bastante rica: muita carne abatida e seca. Não concordamos com isso, mas tornou-se hábito e são tradições. Para o combate, é preciso o envolvimento das autoridades tradicionais.

#### O aeroporto do Luau está subaproveitado, um 'elefante branco'?

É uma preocupação. Estamos à espera porque há um plano do Governo, através do Ministério dos Transportes, que é de fazer do Luau uma grande plataforma logística tendo em conta a localização fronteiriça. Se prevê criar infra-estruturas para que possa haver um comércio organizado entre os três países (Angola, RDC e a Zâmbia), com operadores pri-

“ Os instrumentos legais para investir no Moxico são bastante atractivos, incluindo isenções. ”



Apoio ao Crédito (PAC) e do Prodesi, identificámos uma série de projectos de jovens empreendedores e de empresários com alguma experiência. Alguns já tinham sido aprovados há três ou quatro anos no Cazombo e Cameia financiados pelo BDA que infelizmente não andaram. O nosso desafio é que as coisas andem e os bancos têm de dar crédito aos jovens. Tem de haver cautela, sem dúvida, mas temos de preparar as pessoas e olhar para negócios com viabilidade. Em Camgamba produz-se pão, bolos e iogurte de soja. Se dermos pequenos apoios que facilitem a aquisição de fornos ou de formas já nos podem ajudar na merenda escolar, porque o conceito de vir de Luanda um sumo da Refriango e um pacote de bolachas não resolve, quando temos aqui milho, mandioca e peixe, produtos locais frescos.

O que pode atrair o investidor numa província com tantas insuficiências?

Os instrumentos legais para investir no Moxico são bastante atractivos, incluindo isenções. Além disso, temos hoje uma ferramenta mais ou menos bem estruturada sobre o desenvolvimento da agricultura. Temos hoje um diagnóstico feito por pessoas que andaram aqui no tempo colonial desde o engenheiro Fernando Pacheco ao ambientalista João Seródio. Por outro lado, estiveram aqui a participar no fórum agricultores da Huíla, do Huambo, do Kwanza-Sul e da Agrolíder que ficaram maravilhados. Selá estão a disputar 400 hectares aqui estamos a falar de 4.000, 5.000 ou 10 mil hectares com água. Temos feito um esforço muito grande para que o investidor encontre incentivos, entre os quais abertura dos governantes locais. Uma pessoa não pode sair de Benguela e montar um negócio no Luau e ter dificuldades de ser recebido pelo administrador. Temos de estimular e acarinhar essas pessoas, além de que é preciso criar condições de acomodação e alimentação. Portanto, temos de criar um bom ambiente de negócios.

Houve um corte no orçamento da saúde do Luacano de 200 milhões anuais para apenas 20 milhões. Um recuo de 90%. Qual é a razão? Não é que houve uma redução na saúde no Luacano. O corte foi geral. Com os constrangimentos

*A corrupção não é só o peculato, cometido por ente público. Há corrupção nas igrejas, nas escolas, nos hospitais. E não é favor nenhum um funcionário do Estado atender bem um cidadão.*

*O nosso candidato, e hoje Presidente da República, com mais rigor e um programa concreto de moralização da sociedade, fez do combate à corrupção um elemento importante.*



financeiros, o orçamento, obviamente, ficou reduzido e com isso tudo o resto. Há dias estivemos a analisar o sector, com a falta de medicamentos. E só há medicamentos essenciais nos hospitais e centros de saúde para as patologias da época, a malária, doenças respiratórias, diarreicas, por causa da qualidade da água. Mas a rede sanitária é pública e privada. Só que os privados estão em baixo, com as farmácias sem medicamentos. Então tem de se lutar para se dar crédito aos empresários para comprar fármacos, porque nos hospitais só para os acamados. O corte não é apenas do Luacano. Na Maternidade provincial ‘Teresa Jamba’, o valor reduziu também. Ela tem orçamento centralizado, mas compete-nos saber a situação e ‘atacar’ ao nosso nível, ainda que tenhamos de prejudicar eventualmente uma obra, ou deixar de pagar bens e serviços para reforçar os hospitais que apesar de tudo são dos mais limpos do país.

Como analisa o combate à corrupção?

É uma bandeira, um instrumento que já vem sendo falado pelo MPLA há bastante tempo. Com as eleições de 2017, o nosso candidato, e hoje Presidente da República, com mais rigor e um programa concreto de moralização da sociedade, fez do combate à corrupção um elemento importante para o desenvolvimento do país e termos credibilidade tanto a nível interno, como externo.

Não é um combate selectivo?

Não! Temos de ver o combate à corrupção no quadro de um programa maior, que é a moralização da sociedade. A corrupção não é só o peculato, cometido por ente público. Há corrupção nas igrejas, nas escolas, nos hospitais. E não é favor nenhum um funcionário do Estado atender bem um cidadão. Ele, como agente público, é pago por isso. Se o salário é pouco isso é outra questão, mas não deve extorquir a quem serve. É preciso mudança de mentalidades.

E a educação?

Falo muito com os jovens. A minha primeira actividade pública foi reunir com cerca de 700 jovens e mulheres porque é ali onde está a nossa esperança. Mas uma coisa muito importante que tenho insistido, a luta não deve ser no sentido de querer ser governador, minis-

tro, pastor ou bispo. Temos de ser boas pessoas. Este é que tem que ser o grande desafio, porque se formos boas pessoas bem educadas e com amor ao próximo, a sociedade sai harmoniosa. A educação é importante, mas com qualidade que passa por professores competentes.

Mas o responsável é contestado? Aqui há uma pressão muito grande sobre a educação e há vozes que recomendam a mudança do director provincial. Dizem mesmo que o governador está a protegê-lo, quando está a ser muito contestado. A verdade é que se instalaram hábitos que é preciso estancar. Pessoas que não estão aqui a trabalhar e têm outras profissões e ganham como professores. Bancários, destacados em outras localidades, ganham como professores. Meninos de 12, 13 e 14 anos de idade, filhos de ‘pessoas’, também ganham como professores...

É um dilema?

Exactamente! É isso que estamos a erradicar. Logo, as pessoas estão contra quem tem essa responsabilidade que é o director. O resto são artimanhas, porque ele é competente. Se calhar, o problema deve ser eventualmente do carácter, do relacionamento, mas, como governo, o que interessa são os resultados, o trabalho que as pessoas fazem.

O Instituto Médio Agrário do Luau entra em funcionamento ainda este ano?

Sim queremos fazer dele uma referência no país. Queremos imitar um Tchivinguiro (Huíla) e estamos apostados nisso. Pessoas como o doutor João Seródio e outras de muito boa reputação e vontade, incluindo engenheiros agrónomos já reformados, estão interessados em vir cá trabalhar voluntariamente e ajudar a montar um bom instituto com laboratórios, áreas de trabalho onde os jovens saiam com competências. Pretendemos que seja um instituto de âmbito regional. Pensamos na RDC e na Zâmbia, porque têm boa experiência na área técnica e das tecnologias, nomeadamente da agropecuária. Aproveitaremos professores desses países e estamos entusiasmados para que o instituto avance nessa perspectiva, contando também para o seu bom funcionamento com o curso de parceria privada.

vados, porque o Estado apenas vai criar infra-estruturas.

**E quanto à produção de mel?**

Cerca de 60% da população do Moxico tem menos de 16 anos de idade. Segundo o Censo de 2014, a maioria tem menos de 14 anos. Subi 30% por causa do crescimento. Com os recursos naturais, com uma alavanca nas infra-estruturas, temos mão-de-obra activa e disponível. Não cruzamos os braços. Temos num pequeno estudo de viabilidade e discussão de negócio mais de mil projectos de jovens e aí incluímos a produção de mel. Há cooperativas. Está a ser explorado o mel por algumas empresas num modelo com o qual não concordamos. Recolhem, concentram à granel e levam para Luanda e aí empacotam. Isso não traz desenvolvimento à província.

E qual é a solução?

Esteve cá o secretário de Estado e agora ministro da Economia com quem, no quadro do Programa de

# Economia/Política



TEMEM CONDIÇÕES DA QUARENTENA

## Empresários chineses só regressam depois do fim do coronavírus

**SAÚDE.** Investidores preferem enfrentar a possibilidade de serem contaminados pelo coronavírus do que enfrentarem a quarentena em Angola por suspeita das debilidades de saúde no país. Académico estima escassez de produtos chineses depois de Março.

Por César Silveira

**H**á um consenso na comunidade chinesa que opera em Angola, sobretudo empresários que se encontram na China, de regressarem ao país apenas quando a epidemia do coronavírus estiver totalmente controlada e não existir mais a necessidade de estarem em quarentena.

A revelação foi feita ao VALOR por Shang Jing, académico e investigador do Centro Chinês de Estudos dos Países de Língua Portuguesa, justificando a decisão com receios dos défices do sistema de saúde em Angola e mais especificamente nos centros de quarentena. “A comunidade chinesa é de opinião que, caso os empresários chineses não

tenham urgência em regressar a Angola, devem ficar na China. É uma ideia que está patente em quase toda a comunidade. Não se trata de uma orientação, mas sim um consenso, não vão regressar nos próximos dois meses”, adianta. “É uma preocupação. Os passageiros saídos da China ficam em quarentena de catorze dias em dois centros que estão quase cheios e sabemos que o nível de saúde em Angola não é muito alto. Muitos chineses estão preocupados com a situação destes centros. Um passageiro chinês, por exemplo, pode ir para estes centros sem qualquer doença, mas sair de lá com malária, febres ou outras doenças”, insiste Shang Jing que também se encontra na China.

Segundo os dados mais recentes estão em quarentena nos dois centros 114 pessoas provenientes da China. Dos quais setenta chineses e 42 angolanos, além de um brasileiro e um marfinense.

### ESCASSEZ DE PRODUTOS

O académico chinês estima que, depois de Março, os produtos chineses poderão faltar ou estar mais caros no país como consequência da paralisação de algumas fábricas e também dos serviços alfandegários da China. “Nesta altura, os negócios estão a correr bem porque grande parte dos empresários investem na importação e exportação e têm em armazém mercadoria suficiente para atender à demanda, mas, depois de três meses, poderá registar-se alguma dificuldade porque muitas fábricas não estão a produzir.”

Shang Jing lamenta, por outro lado, a apreensão de máscaras que a comunidade chinesa em Angola tentou enviar para a China para acudir a grande necessidade imposta pelo vírus. “Precisamos de muitas máscaras de protecção N95 e ou máscaras de hospital normal. Há muitos chineses no estrangeiro a comprar para fazer doação. Os que estão em

Angola também querem fazer doação, mas não estão a conseguir enviar porque o Ministério da Saúde está a proibir, não compreendemos esta política. Se o Ministério não quer que os chineses enviem máscaras tem de tornar pública esta decisão ao menos já não se compra”, desabafou.

Sobre o assunto, o inspector geral da Saúde, Miguel Oliveira, explica que a decisão do Ministério da Saúde “não é dirigida exclusivamente àqueles meios que vão para a China ou contra a iniciativa dos chineses”, salientando ser “proibido em termos de lei angolana alguém que não esteja licenciado importar ou exportar produtos farmacêuticos”.

Miguel Oliveira acrescenta que nada prova que se tratava de uma doação visto que “não existe nenhum documento que indica isso”. “Uma coisa é uma doação outra coisa é uma empresa de construção civil que compra milhões e milhões de máscaras

para enviar e dizer que está a enviar para familiares”, precisou.

Estimando terem sido apreendidas perto de cem mil máscaras, Shang Jing afirma que a dependência da China por máscaras importadas vai diminuindo “porque agora tem muitas fábricas, fábricas de veículos, roupas e muitas outras que mudaram a linha de produção para produzir máscaras e roupas de protecção”. “Nas primeiras semanas, a situação era grave, a China tem cerca de 1,4 milhões de habitantes e, por exemplo, as máscaras de hospital só podem ser usadas durante 4 horas, por isso muitas fábricas na Europa e na América estão a produzir para vender para a comunidade chinesa nestes países e estes exportarem para a China”.

Shang Jing estima que, por esta altura, estejam menos de 20 empresários chineses em Angola, dos mais de dois mil que operam no país, visto que muitos viajaram para o gigante asiático para comemorar o 25 de Janeiro, o Ano Novo chinês.



**NGOLA VENDEU EM 2019** cerca de 9,44 milhões de quilates de diamantes, estimando-se receitas de cerca de 1,3 milhões de dólares, segundo dados apresentados pelo secretário de Estado para a Geologia e Minas, Jânio Correia Victor

PRIMEIRO ANO DE ACTIVIDADE

# Excesso de colaboradores é um dos desafios da ANPG

**PETRÓLEO.** Agência de Petróleo e Gás herdou mais de 600 colaboradores da Sonangol, número considerado excessivo, mas “indispensável” para a fase de arranque.

Por César Silveira

O excesso de colaboradores, estimados em mais de 600 pessoas, é um dos aspectos negativos do primeiro ano de exercício da Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis, segundo as várias opiniões ouvidas pelo VALOR que usam como exemplo as congéneres internacionais da entidade nacional.

“Conheço várias agências internacionais e nenhuma tem tantos quadros quanto à nossa. Há até casos de agências com menos de 10 funcionários e é verdade que, para o trabalho de concessionária, não se precisa de tantos técnicos”, argumentou um técnico sénior do sector dos petróleos que, entretanto, não quis ser identificado.

Vários quadros dos petróleos, sobretudo da ANPG, justificam, no entanto, que a função de concessionária, quando exercida pela Sonangol, contava com cerca de 650 colaboradores e o que se fez foi apenas a transferência em bloco dos mesmos para a agência. “A única maneira viável de fazer o modelo funcionar foi a transferência do pessoal da concessionária em bloco da Sonangol para a agência e mais um pequeno grupo para as áreas de suporte tal como jurídico, RH, contratos e outros, daí o número que, no entanto, com o tempo será optimizado”, explicou um quadro sénior da agência.

Outros aspectos analisados, neste primeiro ano de actividade da agência, têm que ver com o resultado pouco esperado do primeiro



Mário Mijetes © VE

## MEMORIZE

● **Vários quadros dos petróleos, sobretudo da ANPG, justificam, no entanto, que a função de concessionária, quando exercida pela Sonangol, contava com cerca de 650 colaboradores e o que se fez foi apenas a transferência em bloco dos mesmos para a agência.**

concurso para a licitação de blocos realizado pela entidade. Tratou-se do concurso para licitar os blocos de Benguela e Namibe em que apenas apareceram alguns blocos, situação que, para muitos, também pode ser incluída entre os resultados negativos. Cenário, entretanto, negado

por quadros da ANPG. “O facto de não se ter licitado 100% não pode ser considerado como ponto negativo. Dos 12 blocos do Namibe, seis já têm operadores e estão em negociação mais três blocos”, argumentou um dos quadros seniores, para depois justificar a pouca adesão dos investidores. “É uma nova área pouco estudada. Acreditamos que, à medida que forem adquiridos dados, o interesse aumentará.”

A agência, por intermédio da fonte citada, também contraria o entendimento, muitas vezes apresentando publicamente, segundo o qual seria mais inteligente a entidade começar o programa de licitações pelos blocos situados nas bacias terrestres do Congo (CON1, COM5, COM6) e do Kwanza (KON5, KON6, KON8, KON9, KON17 e KON20), que tinham sido atribuídos em

2015, mas cujo concurso foi, posteriormente, anulado.

A corrente que defende essa opção tem-se justificado com a necessidade urgente de inverter a tendência decrescente da produção nacional, acreditando que, por se tratar de blocos conhecidos pelos potenciais investidores, mais rapidamente atrairiam interessados.

No entanto, o argumento da agência é que a exploração de novos blocos não é a prioridade para contornar a tendência de queda da produção. E a escolha dos blocos do Namibe e Benguela, em detrimento dos do Congo, deve-se ao facto de os primeiros serem ‘offshore’ e a expectativa em relação aos volumes a encontrar no ‘onshore’ não ser grande. “A nossa produção vem maioritariamente do ‘offshore’.

Nesta altura que o grande desa-

fió é a redução do declínio de produção, a prioridade tem de passar pela redução das paragens não programadas com a melhoria da manutenção preventiva, o desenvolvimento de campos marginais e a exploração dentro das áreas de desenvolvimento. A exploração em caso de sucesso terá impacto somente em cinco a seis anos”, explica a fonte da agência.

Resultante do processo de reestruturação do sector dos petróleos, a Agência Nacional de Petróleo, Gás e Biocombustíveis foi criada por decreto de 6 de Fevereiro de 2019, herdando a função de concessionária da Sonangol.

## FITCH COM ALERTA VERMELHO

A consultora Fitch Solutions estima que a produção de Angola deverá cair 41%, equivalente a 550 mil barris, para 762 mil barris por dia até 2028, quando comparada aos níveis de 2019 que foi de cerca de 1,3 milhões de barris/dia. “A produção desapontante em Angola, o segundo maior produtor de petróleo na África subsaariana, deve explicar o declínio de 550 mil barris por dia em 2028 face aos níveis de produção de 2019”, precisa a consultora no relatório enviado a clientes.

Entretanto, a ANPG salienta que “tudo depende do resultado da actividade de exploração”, salientando que “o relançamento da exploração em grande escala poderá, em caso de sucesso, contrariar esse prognóstico”.

“Estamos nesta fase a realizar exploração em quase todas as concessões petrolíferas, vamos iniciar também a avaliação do potencial petrolífero nas bacias do interior e acreditamos que, em algum sítio, teremos sucessos”, sublinhou a fonte da ANPG.

# Mercados & Negócios

Sede do Banco de Poupança e Crédito, em Luanda



Mário Mujica © VE

COM O PROPÓSITO DE SE MELHORAR A PERFORMANCE DO BANCO

## Especialistas insistem na independência ou privatização do BPC

**INQUÉRITO BANCÁRIO.** Entidade financeira do Estado é o pior agente bancário do país, segundo um estudo da internacional Assertys. Regulador do sector sublinha que o inquérito poderá facilitar a actuação do órgão.

Por Antunes Zongo

**A**nalistas do sector bancário sugerem “maior autonomia” para o BPC ou a sua privatização “urgente”, no sentido de tornar a instituição financeira “mais competente”.

As propostas surgem em resultado do último inquérito sobre a prestação dos serviços bancários, apresentado há quase três semanas pela Assertys, que indica o BPC como o pior do país.

O reitor da Universidade Lueji A'Nkonde sugere mesmo “maior

autonomia” do BPC em relação ao Governo e sublinha que o “grande mal” do banco são as “ingerências governamentais e partidárias”. Carlos Yoba desencoraja por isso a nomeação de um novo conselho de administração, defendendo que a solução do banco passa pela “definição clara” da sua função. “A definição a que me refiro não pode ser somente essa tipificada no papel, mas deve ser prática. O Governo deve permitir ao banco ir atrás dos devedores, não se importando com quem quer que seja”, observa o académico, para quem os responsáveis do malparado do BPC “são conhecidos”.

Na perspectiva do docente, a posição da marca BPC não será “melhorada” enquanto continuar

o “círculo vicioso de nomeação” de pessoal da “mesma linhagem”, ou a existência de pessoas que beneficiam de crédito sem responsabilização, em caso de não devolução.

No mesmo sentido, o contabilista Michel Pedro defende uma “clara definição” da função do BPC e desvaloriza a argumentação segundo a qual o banco regista maior número de reclamações por excesso de clientes. Para o contabilista, qualquer empresa visa a expansão dos seus serviços e o alcance de maior número de clientes, cabendo, entretanto, à instituição “criar mecanismos que permitam a gerência adequada da carteira de clientes de modo a evitar dispersão e descontrolo de informação”.

Peremptório, Michel Pedro defende a “mudança de patrão” do BPC, sublinhando que o problema do banco “não se esgota no facto de a gestão ser boa ou má”, dado que “passaram bons gestores” à frente do banco. “Na base da má reputação do banco”, observa, “está, entre outras, a ausência de disciplina bancária por parte de alguns funcionários da instituição, que não percebem que manuseiam dinheiro alheio, bem como questões políticas, reacionadas com instruções governamentais ou partidárias” que se “realizam sem garantias claras de restituição”.

À semelhança de Michel Pedro, Joel Caetano, também contabilista, ligado ao sector petrolífero, não tem dúvidas de que a solução do BPC

passa pela sua “privatização total urgente”. O contabilista defende que o BPC sofre do mesmo problema que boa parte das empresas públicas sofre, em que os funcionários têm o “vício de deixa andar”, porque, no final do mês, “têm os salários completos”.

O especialista reconhece o mal que as interferências políticas provocam ao banco, mas insiste que os trabalhadores devem “evoluir no comprometimento” com o público e para com o Estado.

### O INQUÉRITO

Realizado entre os dias 9 e 21 de Janeiro, o estudo apresentado pela Assertys foi encomendado pelo Banco Nacional de Angola e aponta o BPC como o pior banco do país, por registar o maior número de reclamações.

Não é a primeira vez que o BPC tem a marca associada a situações que o descredibilizam. Por exemplo, os últimos dados sobre o crédito no sistema indicam que o banco é responsável por 84% do malparado do sector. Num passado recente, o banco foi tido como a entidade que mais subtrai nas contas dos clientes, entre outras deficiências.

O inquérito, que expõe parte das debilidades do sistema bancário nacional, incidiu sobre a qualidade dos serviços bancários na óptica do consumidor e abrangeu também os segmentos de particulares e empresas, clientes do sector.

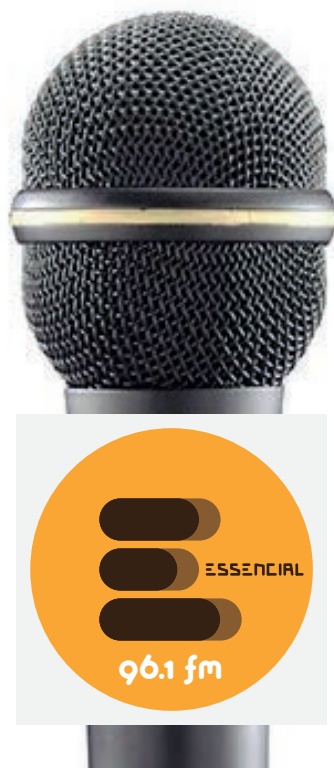
No segmento de particulares, o estudo concluiu que 26,6% não possuem gestores de conta, enquanto a nível do sector de empresas 72,9% possuem gestores. No geral, apesar das reclamações e da situação do BPC, Ruth Saraiva, responsável da Assertys, considera “positiva” a qualidade dos serviços prestados, recomendando aos bancos a realização de um “trabalho profundo” para elevarem o nível de “excelência” na prestação dos serviços.

Oswaldo dos Santos, director do departamento de conduta financeira do BNA, considera o número de reclamações “pouco representativo”, face às queixas que se ouvem, mas enfatiza que o inquérito poderá facilitar a actuação do regulador.

Entre as reclamações mais frequentes no inquérito destacam-se as dificuldades que os bancos impõem sobre as transferências para o estrangeiro, reclamações em torno das operações de reconversão para a moeda estrangeira, falhas no sistema, bem como atrasos no atendimento e outros.

QUE É  
ESSENCIAL  
NOS DIAS  
DE HOJE?

96.1 fm



# (In)formalizando

CATADORES EXPLICAM OS 'SEGREDOS' DO NEGÓCIO

# Ganhar dinheiro com o lixo

**RESÍDUOS.** Actividade atrai pessoas de várias idades, incluindo crianças e idosos, que vasculham lixeiras e contentores, sem protecção, em busca do pão de cada dia. Há quem tenha criado uma espécie de cooperativa para organizar os catadores de Luanda.

Por Raimundo Ngunza

**C**om o objectivo de organizar o trabalho dos catadores de lixo nos bairros de Luanda, Miguel Almeida resolveu empreender no negócio do lixo, criando o projecto 'Angolatas e Angobidões'.

O primeiro passo foi o cadastramento de 73 catadores, que aguardam por apoios para, a qualquer instante, arrancar com os trabalhos. Nas contas de Miguel Almeida, falta uma carrinha e uma moto de três rodas (kupa-patas) para a recolha do lixo em vários pontos, porta-a porta.

Enquanto isso, o modelo de negócio já está desenhado. O lixo será comercializado às empresas e

as receitas deverão cobrir os salários dos catadores. Desde já, como assegura Almeida, várias organizações, sobretudo estrangeiras, simpatizaram com o nosso projecto e mostraram-se disponíveis para acompanhar a iniciativa.

## OS COMPRADORES E OS CUSTOS...

Na Kicando, Indústria de Bebidas

Lda, em Cacuaco, o movimento de entrada e saída de camiões é frenético. Ao que soube o VE, a empresa paga 600 kwanzas por cada 24 garrafas, mas, por razões de segurança, o dinheiro só é entregue aos catadores, geralmente mulheres, um dia após a entrega das garrafas.

Na Barra do Dande, Bengo, encontra-se a ADA, fábrica de

ação para a construção civil. Aqui fomos informados que a unidade fabril compra sucatas a terceiros e um quilograma de ferro velho custa 30 kwanzas. Já em Viana e Cacuaco, o negócio é dominado por cidadãos estrangeiros na sua maioria nigerianos, malianos e eritreus.

No posto localizado defronte à Cadeia Central de Luanda, no Sambizanga, Hibrain, 28 anos, compra apenas sucatas, banheiras e bidões e revende os mesmos nas fábricas da Funda e Viana. Com duas balanças, uma de plástico e outra de ferro, compra o quilograma de ferro a 15 kwanzas e o de plástico a 100 kwanzas. Segundo o jovem revendedor, o negócio só é rentável, quando se paga bem aos catadores e, para fechar um contentor "com boas sucatas e banheiras", são necessários quatro meses.

## A VIDA DOS CATADORES

Com a carga na cabeça e pau na mão, Domingas João, 72 anos, caminha a passos lentos em direcção aos arredores da Cadeia Central de Luanda, onde se situa o posto de pesagem e venda de plástico. 'Velha Domingas', como também se deixa chamar, reside em Caxito, Bengo, mas recolhe os resíduos em diversos contentores e lixeiras do mercado São Paulo e arredores, em Luanda.

Segundo conta, a recolha começa cedo, por isso levanta da cama às cinco horas em direcção a Luanda. A doença da única filha forçou-a ao "sacrifício", já que a retorno não compensa o esforço. "Não se ganha muito dinheiro", precisa, explicando que o quilo de plástico vende a 100 kwanzas, o que lhe permite levar a casa ao fim do dia entre 500 e mil kwanzas. A soma é repartida entre as despesas de transporte e de alimentos e a rotina repete-se diariamente.

Devido à falta de emprego, Osvaldo Bernardo Cabanga, 28 anos, começou a catar lixo em contentores há dois anos. Com esposa e três filhos, diz não sentir vergonha da profissão por causa dos vizinhos. E, com adesão de muitas pessoas na recolha de lixo, conta já ter visto de tudo, incluindo lutas entre colegas pela posse de dois contentores na zona do bairro Azul, na cidade de Luanda.

Cabanga recolhe latas de bebidas e garrafas de água de plás-



tico e, antes de comercializar os recipientes às vendedoras dos mercados e nas pequenas praças de rua, lava-os. Cada dez garrafas vende a 100 kwanzas. "O dinheiro ganho é para comprar comida para a família", explica.

## PERIGO À ESPREITA

A maioria dos catadores de lixo vivem em situação de pobreza extrema e todos os dias lutam pela sua sobrevivência, expondo-se a vários riscos e colocando também em risco determinado segmento de utilizadores finais. Exemplo disso são as garrafas de plástico que são apanhadas e vendidas a comerciantes que as utilizam como recipientes para líquidos como quissângua, óleo de soja e óleo de palma, vendidos na via pública, mercados e

A ASSOCIAÇÃO AGRÍCOLA DO ZANGO, localizada no município do Moxico (sede), estima aumentar a produção artesanal de 20 para mais de 100 hectares de terra, como resultado da recepção de um tractor entregue pelo governo provincial.



Jovem à procura de material metálico para pesar.

## Negócio pelo mundo

Alemanha, Coreia do Sul, Austrália, Eslovénia, Bélgica, Suíça, Holanda, Suécia, Luxemburgo, Islândia, Dinamarca e o Reino Unido são os países que mais reciclam resíduos no mundo.

A Suécia é considerada tão eficiente na reciclagem que quase 100% do lixo que produz é reaproveitado, ao ponto de importar lixo. Estados Unidos, China, Índia e Brasil são os maiores produtores de lixo plástico no mundo, em torno de 11 milhões de toneladas ano. Na Finlândia, são recicladas nove de cada dez garrafas plásticas usadas e quase 100% das garrafas de vidro achadas como resíduos.

Desde 2005, os moradores de Nova Iorque são obrigados a reciclar os seus aparelhos electrónicos ou pagar uma multa de 100 dólares por peça. O mais curioso é que a quantidade de latas e garrafas de refrigerante dispensada num ano pelos norte-americanos é suficiente para se chegar e voltar da Lua 20 vezes. Dados do Banco Mundial mostram que, em 2012, a população urbana produziu 1.300 milhões de toneladas de resíduos sólidos e espera-se que essa cifra ascenda a 2.200 milhões até 2025.

em praças a céu aberto.

Benvinda Augusto, 52 anos, é catadora de garrafas desde 2007 e trabalha em grupos de quatro senhoras. Conta que, no passado, existiam muitos recipientes em lixeiras, mas, com a adesão de mais pessoas, “as garrafas viraram ouro e diamante”. Tem como fonte os restaurantes e contentores da baixa de Luanda e, para manusear as garrafas, usa luvas.

Albertina Pinto, 58 anos, lamenta a “subida constante” dos alimentos da cesta básica nos mercados e diz que catar lixo é a única actividade que encontrou para sustentar os filhos.

Pelas mesmas razões está no ofício Marcelina Ventura, 47 anos. Com marido desempregado e cinco filhos, tem nesta actividade a única fonte de sustento.

# TRANSCOOP

Transportes Rodoviários

AGILIDADE, CONFORTO, SEGURANÇA E EXCLUSIVIDADE



## SERVIÇO PERSONALIZADO COM CONFORTO E SEGURANÇA

O TAXÍMETRO SÓ SERÁ LIGADO  
NO LOCAL DA CHAMADA



Rua 21 de Janeiro, Bairro Rocha Pinto, Luanda

Call center

(+244) 947 992 829

(+244) 993 091 599

Trabalhamos com multicaixa



## DE JURE

POR USO DE PESTICIDA QUE DESTRUIU POMARES AGRÍCOLAS

# Tribunal condena Bayer e BASF a pagarem 265 milhões de USD

**INDEMNIZAÇÃO.** Decisão judicial surge após outro caso em que a Bayer foi condenada por um júri californiano a pagar 290 milhões de dólares a um jardineiro que sofria de um cancro incurável.

res nos Estados Unidos entraram com acção contra a Bayer por perdas atribuídas ao pesticida Dicamba.

Esta decisão judicial surge após outro caso em que a Bayer foi condenada por um júri californiano a pagar 290 milhões de dólares a um jardineiro que sofria de um cancro incurável, por não ter informado suficientemente sobre a perigosidade do RoundUp.

A Bayer, que argumentou que o Dicamba é seguro para as culturas desde que os utilizadores sigam as instruções, disse, em comunicado, que pretendia recorrer da decisão “o mais rapidamente possível”. ABASF, até então, não esteve disponível no imediato para reagir.

A Bayer comprou, em 2018, a gigante americana de OGM e sementes Monsanto e teve de vender parte das suas actividades agro-químicas à BASF para satisfazer as autoridades da concorrência.



Só em Abril no ano passado, a Bayer recebeu cinco mil processos judiciais.

## Processos volumosos

No ano passado, o grupo químico alemão já tinha enfrentado 18,4 mil acções nos Estados Unidos contra o herbicida glifosato, da sua subsidiária Monsanto. Um volume de processos que foram aumentando, “envenenando” a integração do grupo norte-americano comprado no ano passado.

Os 63 mil milhões de dólares desembolsados em Junho de 2018 pelo grupo fariam desse ‘casamento’ a maior aposta da história da Bayer. A expectativa, no entanto, não previa essa avalanche de acções judiciais que caíram sobre o gigante agro-químico mundial.

A Agência Internacional de Pesquisa sobre o Cancro (IARC), um desdobramento da OMS, considerou, em 2015, que o glifosato era “provavelmente cancerígeno”. No entanto, esta é uma avaliação do risco absoluto do produto, não do risco de exposição a doses constantes.

Por Redacção

agricultor que se queixava de o pesticida Dicamba lhe ter destruído os pomares de pêsego.

A decisão foi tomada este mês por um júri do tribunal federal de Cape Girardeau, no Missouri (centro), após um pedido de Bill Bader, que dizia que as empresas estavam a incentivar os produtores a usar o herbicida Dicamba “de uma forma irresponsável”. O Dicamba é um pesticida

### MEMORIZE

● A Bayer, que argumentou que o Dicamba é seguro para as culturas desde que os utilizadores sigam as instruções, pretende recorrer da decisão “o mais rapidamente possível”.

popular, mas controverso, pela facilidade com que se espalha, matando plantas menos resistentes.

Segundo a agência Bloomberg, citada pela France Presse, este é o primeiro processo nos Estados Unidos referente ao Dicamba. Assim como o RoundUp, outro pesticida polémico comercializado pela Monsanto, o Dicamba está no mercado há muitos anos. Vários agriculto-

Os grupos alemães Bayer e BASF foram condenados por um tribunal norte-americano a pagar uma indemnização de 265 milhões de dólares a um

# Tia Bolinha & Momô

O CASAMENTO DO ANO!



## 29 Fevereiro

CCB • SÁBADO • 20:00H

**COMPRE JÁ O SEU BILHETE NO ZAP CINEMAS**  
SHOPPING AVENIDA MORRO BENTO • QUIOSQUE ZAP CINEMAS TALATONA

**9.000 AKZ / PESSOA**

**COM ACTUAÇÃO ESPECIAL**

**EDMÁZIA MAYEMBE • PINK 2 TOQUES • SABINO HENDA**

UMA PRODUÇÃO  
**ZAP ESTÚDIOS**

**PEDRA  
RUSSA**  
FÁBRICA DE JÓIAS &  
LAPIDAÇÃO DE DIAMANTES  
APOIO

**zap vivo**

# Gestão

## CINCO DICAS PARA O SUCESSO

# Como ser bem-sucedido e sair da sombra do antecessor

**LIDERANÇA.** Estudo da McKinsey, de 2018, apontou que 83% dos líderes se consideravam mal preparados para novos cargos, que impliquem passagem de testemunho.

Por Redação

Big shoes to fill' (sapatos demasiado grandes para encher) é a expressão que, em inglês, traduz a responsabilidade e a pressão da sucessão quando o antecessor é reverenciado. E começar uma nova função, seja por via de promoção ou começo numa nova empresa, pode ser uma experiência aterrorizante



para quem terá o seu trabalho comparado inevitavelmente ao do anterior ocupante do cargo.

Quando Tim Cook substituiu Steve Jobs, na gigante da tecnologia mundial Apple, a expressão 'big shoes to fill' só descrevia a ponta do iceberg que Cook iria encontrar para dar resposta às interrogações e ansiedades de milhares de funcionários, shareholders e fãs da Apple por todo o mundo que olhavam para a sua gestão e capacidade de manter o 'barco' no rumo certo.

Se é certo que os olhos do mundo não estão postos na sua gestão, certo é que uma nova função em que suceda a outrem pode sempre carregar este tipo de pressão.

Segundo um estudo da McKinsey, de 2018, 83% dos líderes a nível global consideram-se mal preparados para o cargo que vai assumir quando se trata de transições.

Pior, segundo a consultora, os motivos para apreensão são reais porque cerca de 50% de todas as transições falham rotundamente.

Se é o novo sucessor, para aumentar as suas chances de sair da sombra do sucedido com distinção, observe estes conselhos:

● **Faça o trabalho de casa antes de começar**

Estude a empresa e a posição que vai ocupar, os seus produtos, clientes, indústria, percepção e posicionamento de mercado. Aprenda o máximo possível sobre todas as áreas que se interseccionam com a sua função e reflecta sobre todas as sinergias, cortes de custos e aumentos de produtividade que podem beneficiar a empresa.

● **Seja você mesmo**

Não tente imitar o estilo de gestão do seu predecessor ou transformar-se em quem não é. Ser autêntico vai merecer-lhe mais admiração e respeito dos seus pares do que insistir em imitar quem não é. Quando Christine Lagarde assumiu funções no FMI disse: "sei que muitos estão ansiosos para me comparar com o meu antecessor, mas eu tenho o meu próprio estilo, vou ser eu própria e por isso, provavelmente diferente".

● **Monitorize o seu estado de espírito e procure apoio**

A sombra do seu antecessor pode fazer com que questione as suas capacidades e se sinta uma fraude ou pode fazer com que se sobrevalorize e perca a objectividade e a praticidade. Avalie constantemente a sua conduta, vigie-se e peça feedback regular e desinteressado sobre o seu desempenho. Ser o sucessor de alguém reverenciado é uma oportunidade que vem com desafios.

● **Compreenda o relacionamento com os stakeholders**

A chave do seu sucesso vai residir na sua capacidade de gerir relações com todas as partes interessadas, todos os stakeholders, internos e externos à empresa onde vai assumir funções. É instrumental que saiba o que esperam de si, das suas prioridades e as suas preocupações quanto ao futuro e à transição que os obriga a despedirem-se de alguém que admira.

● **Avalie a sua equipa**

Depois de perceber a melhor forma de adequar o seu estilo de gestão às expectativas dos stakeholders, terá de perceber se a sua equipa está à altura do desafio. A equipa certa vai facilitar a obtenção de objectivos dentro dos timings que delinear e evitar que distraia o seu foco das prioridades que delineou para a sua liderança no novo cargo.



# Taça Cheia



**96.1 fm**

Rádio Essencial

Todos os  
sábados,  
às 22:00,  
com  
**Sebastião  
Vemba**

# Opiniões

## Que a sorte nos acompanhe e a Fitch Solutions esteja errada...



**César Silveira,**  
Editor Executivo  
Valor Económico

ris de petróleos dos blocos ora licitados, mas, para isso, seria necessário que os resultados das pesquisas fossem positivos. Portanto, era necessária alguma 'sorte', esta que tinha de ser seguida de uma fase ousada e de forte investimento no desenvolvimento e produção.

Caso contrário, estariam as condições criadas para enormes dificuldades de tesouraria, sobretudo porque as estimativas sobre o futuro do preço do petróleo também não são favoráveis para os países altamente dependentes deste produto, como é o caso de Angola.

Restaria equilibrar as contas com os resultados da diversificação da economia, mas o presente deste processo também indicia que 2028 será cedo para grandes frutos, sobretudo porque algumas iniciativas neste sentido estavam a ser realizadas com fundos que agora devem ser devidamente justificados e, por isso, estão as condições criadas para serem interrompidas.

O que resta? O investimento estrangeiro fora do sector petrolífero. Investimento forte e sério, mas o ambiente de negócios ainda está distante de encorajar e estimular estes investimentos. Portanto, tudo que resta é esperar que a estimativa da Fitch Solutions venha a resultar em verdadeiro fracasso.

O recente relatório da consultora Fitch Solutions é um verdadeiro alerta vermelho para o furo da economia angolana.

Caso se venham a confirmar as estimativas da consultora, os próximos anos serão de verdadeiros desafios. A produção petrolífera do país estará fixada em cerca de 762 mil barris/dia, até 2028, o que representaria uma queda de mais de 500 mil barris/dia em comparação aos níveis actuais que andam em cerca de 1,3 milhões de barris/dia.

Não está de parte, entretanto, a possibilidade de este estudo não se concretizar e dentro de oito anos os níveis de produção se manterem, mas será preciso, além de muito investimento e medidas acertadas, muita sorte. É que, em circunstâncias normais, apenas entre 2027 e 2028 se estaria a receber os primeiros bar-



## Os Fundos de Pensões e a sua relevância em Angola



**Nuno Calha,**  
Executive Director  
EY, Assurance  
Services



**Maria António,**  
Senior EY,  
Assurance  
Services

referidas entidades poderem entrar em falência. Os participantes interessados nesta solução devem entregar a gestão destes activos a uma equipa de gestores profissionais, cujo papel é responsabilizarem-se por investir o capital, aplicado pelos participantes/associados, consoante regras que são definidas aquando da sua subscrição. Estas equipas de gestores somente podem integrar seguradoras ou Sociedades Gestoras de Fundos de Pensões, pois constituem as únicas entidades que podem gerir Fundos de Pensões.

Aderir a um Fundo de Pensões é uma forma do participante acutelar os seus rendimentos e poupanças, evitando passar dificuldades aquando da sua reforma ou incapacidade para trabalhar, por exemplo, numa situação de invalidez. Deste modo, constituir um Fundo de Pensões, traduz-se na acumulação antecipada dos meios necessários para procurar manter um nível de vida similar ao que tinha enquanto esteve na sua vida activa. A vida de uma pessoa pode ter um percurso normal, alcançando a reforma quando atinge os 60 anos, ou ser assolada por imprevistos, constituindo este veículo um bom instrumento para mitigar esses riscos.

De acordo com informação de mercado, em dezembro de 2018 os Fundos de Pensões contaram com valores de cerca de 12 mil milhões de Kwanzas de contribuições (repre-

sentando uma redução de cerca de 6% face a 2017) e um valor de activos sob gestão de cerca de 242 mil milhões de Kwanzas (representando um crescimento de cerca de 56% face a 2017). Ao nível do tipo de Fundo de Pensões, são as empresas as maiores aderentes, sendo que o peso dos Fundos Fechados é ainda bastante superior aos Fundos Abertos. Apesar de uma evolução positiva no valor dos Fundos de Pensões, assistimos ainda a indicadores incipientes para a economia Angolana e a sua população, quando comparado com economias mais desenvolvidas.

Para combater o actual estado deste mercado, é necessária a intervenção de vários agentes por forma a torná-lo mais atrativo. Isto pode passar pela criação de incentivos jurídico-fiscais por parte do Estado, para que os cidadãos e as empresas possam ter condições mais aliantes para investir as suas economias nestes instrumentos, os quais podem constituir um excelente complemento à segurança social.

Com as expectáveis transformações que a sociedade Angolana virá a ter, procurando um alinhamento com as economias mais avançadas, será previsível que o sector dos Fundos de Pensões venha a evoluir e a desempenhar um papel crucial nesta transformação, aumentando a possibilidade de garantir à população benefícios e estabilidade futura.

É expectável ao longo da vida activa a procura de produtos de poupança para garantir uma aposentadoria tranquila. Os fundos de Pensões são uma excelente resposta a esta preocupação. Constituem um património que serve de veículo para financiar responsabilidades, nomeadamente a reforma. Contudo, o mercado dos fundos de pensões é ainda incipiente em Angola.

Os Fundos de Pensões correspondem a um investimento em activos de diversas naturezas (ex. imóveis, depósitos, obrigações, entre outros), o qual é autónomo das entidades que o gerem, permitindo, desta forma, salvaguardar os participantes na eventualidade das

“Embora o primeiro caso tenha sido relatado a 8 de Dezembro, a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan não emitiu um aviso oficial até várias semanas depois.”

# Coronavírus: doença da autocracia chinesa



Minxin Pei

O surto de um novo coronavírus que começou na cidade chinesa de Wuhan já infectou mais de quatro mil pessoas - principalmente na China, mas também em vários outros países, da Tailândia à França e aos EUA. Dada a história da China, como os surtos de doenças - incluindo síndrome respiratória aguda grave (SARS) e peste suína africana - e o aparente conhecimento das autoridades sobre a necessidade de fortalecer a capacidade de lidar com ‘grandes riscos’, como isso pode acontecer?

Não deveria surpreender que a história se repita na China. Para manter a autoridade, o Partido Comunista da China (PCC) deve manter o público convencido de que tudo está conforme o planeado. Isso significa realizar encobrimentos sistémicos de escândalos e deficiências que se podem reflectir mal na liderança do PCC, em vez de fazer o que é necessário para responder.

Esse sigilo patológico prejudica a capacidade das autoridades de responder rapidamente às epidemias. A epidemia de SARS de 2002-2003 poderia ter sido contida muito antes, se as autoridades chinesas, incluindo o ministro da Saúde, não tivessem escondido deliberadamente as informações do público. Depois das medidas apropriadas, de controlo e prevenção de doenças, terem sido implementadas, a SARS foi contida em meses.

No entanto, a China parece não ter aprendido a lição. Embora existam diferenças importantes entre a epidemia de coronavírus de hoje e o surto de SARS - incluindo uma capacidade tecnológica muito maior para monitorar doenças - o PCC



**Quando os líderes da China finalmente declararem a vitória contra o surto do novo e mortal coronavírus, eles, sem dúvida, darão crédito à liderança do Partido Comunista da China. Mas a verdade é exactamente o oposto: o Partido Comunista é novamente responsável por essa calamidade.**

tem o hábito de encobrir. Para ser claro, à primeira vista, o governo da China parece estar mais próximo do último surto. Embora o primeiro caso tenha sido relatado a 8 de Dezembro, a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan não emitiu um aviso oficial até várias semanas depois. E, desde então, as autoridades de Wuhan subestimaram a gravidade da doença e tentaram deliberadamente travar a cobertura noticiosa.

Esse aviso sustentava que não havia evidências de que a nova doença pudesse ser transmitida entre humanos e alegava que nenhum profissional de saúde havia sido infectado. A comissão repetiu essas alegações a 5 de Janeiro, embora 59 casos já tivessem sido confirmados até então. Mesmo depois da primeira morte ter sido relatada a 11 de Janeiro, a comissão insistiu que não havia evidências de que pudesse ser transmitida entre humanos ou que os profissionais de saúde poderiam

ser afectados. Durante esse período crítico, houve pouca cobertura noticiosa do surto. Os censores chineses trabalharam diligentemente para remover as referências ao surto da esfera pública, o que é muito mais fácil hoje do que era durante a epidemia de SARS, graças ao controlo extremamente rígido do governo sobre a Internet, a media e a sociedade. A polícia perseguiu pessoas, alegando que estavam a “espalhar boatos” sobre a doença.

De acordo com um estudo, as referências ao surto no WeChat - um aplicativo popular de mensagens, media social e pagamento móvel chinês - ocorreram entre 30 de Dezembro e 4 de Janeiro, numa altura em que a comissão municipal de saúde de Wuhan reconheceu o surto. Mas as menções da doença dispararam posteriormente.

As referências ao novo coronavírus aumentaram ligeiramente a 11 de Janeiro, quando foi relatada a primeira morte, mas depois desapare-

ceram e, de novo, rapidamente. Foi somente depois de 20 de Janeiro - após relatos de 136 novos casos em Wuhan, bem como em Beijing e Guangdong - que o governo retrocedeu nesses esforços de fazer censura. As menções de coronavírus explodiram.

Mais uma vez, as tentativas do governo chinês de proteger a sua imagem mostraram-se caras, porque minaram os esforços iniciais de contenção. Desde então, as autoridades mudaram de rumo e a estratégia agora parece mostrar quão seriamente o governo está a encarar a doença impondo medidas drásticas: uma proibição geral de viagens a Wuhan e cidades vizinhas na província de Hubei, que juntas têm uma população de 35 milhões de habitantes.

Mas não está claro se e até que ponto essas etapas são necessárias ou eficazes. O que está claro é que o manuseio inicial da China do surto de coronavírus significa que milhares serão infectados, centenas poderão morrer e a economia, já enfraquecida pelas dívidas e pela guerra comercial, sofrerá outro golpe. Mas talvez a parte mais trágica dessa história seja que há poucas razões para esperar que a próxima vez seja diferente.

A sobrevivência do Estado de partido único depende do sigilo, supressão da media e das restrições às liberdades civis. Mesmo que o presidente chinês Xi Jinping exija que o governo aumente a sua capacidade de lidar com ‘grandes riscos’, a China vai continuar a prejudicar a sua própria segurança - e a do mundo - a fim de reforçar a autoridade do PCC.

Quando os líderes da China finalmente declararem vitória contra o actual surto, sem dúvida, estarão convencidos que, de novo, estão a dar crédito à liderança do PCC. Mas a verdade é que é exactamente o oposto: o partido é novamente responsável por esta calamidade.

**Professor de Economia no Claremont McKenna College e membro sénior não residente do German Marshall Fund dos EUA**

# Marcas & Estilos



## RESTAURANTE

### Bom no gosto e no bolso

Localizado a Sul de Luanda, o Restaurante Moon garante-lhe reservas fáceis, num espaço com mesas ao ar livre, estacionamento disponível, Wi-fi gratuito e melhor: aceita cartão de crédito. Os adultos podem, enquanto esperam pela comida bem temperada e na medida certa, deliciar-se com o que de melhor o bar oferece a preços de pechincha. As carnes são maravilhosas e o atendimento excelente, ao sabor da música ao vivo às quartas-feiras e aos sábados.

## AUTOMÓVEL

### Vale a pena a experiência

O Hyundai Creta chega com alterações visuais e de conteúdo, além de ser uma edição limitada chamada Launch Edition, com 1.200 exemplares. A série 2020 chega com pára-choques dianteiro revisado, faróis de neblina actualizados e luzes diurnas em LED.

O modelo continua com os motores Gamma 1.6 Flex de até 130 cavalos nas versões Attitude, Smart, Pulse Plus e Launch Edition, enquanto a Prestige mantém o 2.0 Flex de até 166 cavalos. Todos possuem mudanças automáticas de seis velocidades, excepto a Attitude, que é manual de seis marchas.



### Ilusão de óptica

Esta lâmpada LED da 2D é feita de uma fina folha de vidro acrílico, conhecida pelas propriedades de transmissão de luz, gravada a laser com linhas que sugerem tridimensionalidade. Quando inserida na base de madeira de bétula, a luz LED brilha através das linhas, criando a poderosa ilusão de óptica.



### De couro perfeito

Esta marca-conceito é simples e elegante, criando o seu primeiro estilo. James Smith, dono da marca, é o investigador do deslizamento de couro perfeito. Um estilo que acompanhará o verão. Os designers e amigos australianos criaram as sandálias, depois de passarem anos a viajar para seleccionar cuidadosamente os seus slides exclusivos.



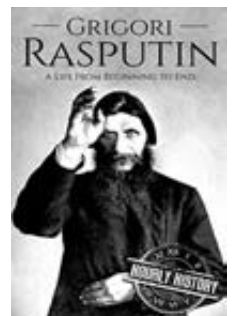
### A sentir-se em casa

É a bainha arqueada nesta parte superior que dá um segundo look, ou talvez a micro-camurça apara as cavas. De qualquer maneira, vai apaixonar-se pelos recursos deste top da Bethany. O tecido Tencel é sensual e faz-lhe sentir-se em casa durante o 'happy hour' com jeans e saltos.

## LIVROS



'O MINISTRO', da autoria do já falecido nacionalista e escritor Uahenga Xitu, pseudónimo de Agostinho André Mendes de Carvalho, publicada em 1989, é uma crítica aos desvios políticos e económicos no MPLA e no Estado.



GRIGORI RASPUTIN começa a vida como um camponês nas regiões mais pobres da Sibéria e termina como comando virtual da Rússia czarista. Conseguiu uma mudança através da intriga do palácio. 'A Life From Beginning to End' é uma das suas obras.

## AGENDA

### LUANDA

**ATÉ 24 DE FEVEREIRO**  
Exposição 'Boda no Meu Kubico' do fotógrafo angolano Ngoi Salucombo, na Casa Rede.

**20 DE FEVEREIRO**  
Concerto de Ângela Ferrão, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, às 19 horas. Entradas gratuitas.

**27 DE FEVEREIRO**  
Textualidades com o escritor Gociante Patissa; conversa com leitores, no Memorial Dr. António Agostinho Neto, às 17h30. Entradas gratuitas.

**28 E 29 DE FEVEREIRO**  
'Show do Mês' apresenta Filipe Mukenga e Filipe Zau - 'As composições', no hotel Royal Plaza, em Talatona, a partir das 21 horas. Ingressos a 16 mil kwanzas.

**1 DE MARÇO**  
Sessão musical com Odete Cassilva, no Anfiteatro Wyza da Fundação Arte e Cultura (Ilha de Luanda), às 17 horas. Ingressos a 2.000 kwanzas.

# Educação & Tecnologia

NAS ÁREAS DA MÚSICA E ARTES CÉNICAS

## Procultura abre candidaturas para bolsas de estudos

**FORMAÇÃO PÓS-GRADUADA.** Candidaturas para bolsas de estudo em artes cénicas e música decorrem até 1 de Julho. Disponíveis 27 vagas para licenciaturas e mestrados. Iniciativa visa beneficiar jovens dos Palop e Timor-Leste.

Com candidaturas abertas até 1 de Julho, as bolsas destinam-se a estudantes de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste, aí efectivamente residentes, que sejam detentores de um certificado de habilitações ao nível de licenciatura (para candidatos a mestrado) e ensino secundário (para licenciatura).

Em Angola, para qualquer um dos dois casos; mestrado ou licenciatura, o formulário de candidaturas e regulamento a estão disponíveis em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que-fazemos/bolsas-estudo/bolsas-procultura-palop-tl-ue> feita via e-mail (procultura@camoes.mne.pt) ou presencial-

mente, junto da equipa Procultura, no Camões/Centro Cultural Português ou na sede da Embaixada Portuguesa, em Luanda.

O projecto tem disponíveis 27 bolsas de estudo, para a frequência de cursos em instituições de ensino superior, nas áreas da música e artes cénicas.

### REGULAMENTO DO CONCURSO

A bolsa de mestrado é de 710 euros mensais, acrescidos de um subsídio único de instalação de 275 euros e de subsídios anuais máximos para propinas de até 1.100 euros. Já a bolsa de licenciatura é de 380 euros mensais, acrescidos de um complemento de 50 euros, caso o bolseiro não fique alojado em residência universitária, de um subsídio único de instalação de 275 euros, assim

# 19

Milhões de euros, orçamento global da iniciativa de bolsas de estudo dos Palop.

como de subsídios anuais de 165 euros e de propinas de até 1.100.

As candidaturas serão avaliadas por um júri que deverá integrar três elementos: um representante das autoridades nacionais (da Cultura ou Educação), personalidade independente com actividade diferenciada nos sectores da música ou artes cénicas, o assistente técnico do Procultura no país ou quem o substitua.

Para avaliação, contará a classificação média global dos candidatos nos últimos três anos do nível anterior ao qual se candidata (50%). Os outros 50% resultarão da apreciação do júri sobre a relevância da candidatura para desenvolvimento dos sectores da música e artes cénicas no país de residência dos candidatos, sendo considerados a carta de motivação (5%), o curso que pretende (10%) e a possibilidade de inserção profissional (35%) ponderada por eventual carta de recomendação.

O regulamento do concurso determina que, além do formulário de candidatura totalmente preenchido e assinado, os concorrentes entreguem uma cópia do BI ou Passaporte, cópia do certificado de habilitações académicas, com discriminação das disciplinas e das respectivas classificações; declaração

comprovativa de que o/a candidato/a é nacional e residente no país de origem há, pelo menos, três anos consecutivos; curriculum vitae, carta de motivação, entre outros.

### ORÇADO EM 19 MILHÕES

Procultura é uma acção do Programa Indicativo Multianual Palop – Timor-Leste e União Europeia, financiada pela União Europeia, co-financiada e gerida pelo Camões, IP e pela Fundação Calouste Gulbenkian.

O projecto, com um orçamento de 19 milhões de euros, tem como objectivo contribuir para a criação de emprego na economia cultural, criativa, bem como favorecer a contemporaneidade e inovação, por via de acesso à educação de referência e mobilidade internacional de criadores e operadores dos Palop e de Timor-Leste.



710 euros é o valor que será pago mensalmente a cada estudante bolseiro.

## NÚMEROS DA SEMANA

## MENOS DE UM ANO DEPOIS, ALTO QUADRO DOS EUA EM ANGOLA

# EUA reforçam promessas de apoio



**DIPLOMACIA.** Discussões sobre o tipo de ajuda que a Administração Trump poderá estender a Angola, no âmbito do combate à corrupção, iniciaram-se em Março do ano passado, durante a visita do subsecretário norte-americano, John Sullivan. Na ocasião, governante prometeu financiar projectos em Luanda, caso houvesse acordo.

**O**s detalhes sobre a actuação dos Estados Unidos da América (EUA) no âmbito dos acordos celebrados com o Governo angolano, face ao combate à corrupção, continuam em segredo.

Pela segunda vez, em um ano, os norte-americanos prometem ajudar Luanda na responsabilização de actores políticos que transferiram dinheiro ilegal para o estrangeiro.

Depois de o subsecretário John Sullivan ter feito, em Março de 2019, desta vez, a garantia de apoio sobre a matéria vem do secretá-

rio de Estado Mike Pompeo, que se encontra em Angola, em visita de 24 horas.

Nessa segunda-feira, 17, Mike Pompeo sublinhou que o seu país está pronto para ajudar Angola na promoção de transferências “limpas e transparentes”, bem como na responsabilização de “quem está envolvido em escândalos de corrupção”.

Mike Pompeo recordou que os Estados Unidos apoiam os esforços da transparência em todo o mundo, advertindo que, sempre que notam existirem questões que contrariam a transparência, os “EUA usam todos os recursos para corrigir o que está errado, e iremos certamente fazer o mesmo

para ajudar Angola”. O governante norte-americano chegou a Luanda, na noite de domingo, e encontrou-se na manhã seguinte com o Presidente João Lourenço, na Cidade Alta. À imprensa, disse ter recebido uma carta de João Lourenço, endereçado ao Presidente Donald Trump, sendo que, na missiva, o estadista angolano convida o seu homólogo para uma visita a Angola.

Entre as promessas realizadas por John Sullivan, no ano passado, destaca-se a garantia de o FBI trabalhar com a congénere angolana no âmbito do “combate à corrupção, bem como da recuperação de bens e activos que foram tirados de forma ilegal”.

## Barragem de Calueque em risco

A barragem de Calueque (no Cunene) atingiu a sua máxima capacidade de armazenagem, ao atingir 475 milhões de metros cúbicos, levando os técnicos a abrirem as comportas que estão a descarregar mais de 1.800 m<sup>3</sup> por segundo, anunciou, segunda-feira, a Angop, citando responsáveis do Ministério da Energia e Águas.

Em face disso, os Serviços Hidrológicos da Namíbia emiti-

ram um alerta de inundação para as comunidades ao longo do rio Cunene, abaixo das Cataratas do Ruacana, para tomar as medidas de precaução necessárias.

Além de regular as águas da barragem hidroeléctrica do Ruacaná e controlar as inundações no baixo rio Cunene, Calueque serve também para captar água para irrigação e consumo.

Situada em Ombadja, na fronteira Angola-Namíbia, a

192 km de Ondjiva, a barragem foi erguida entre 1972 e 1974, e começou a ser ampliada em 2012, num orçamento estimado inicialmente pela TPF consultores em USD 127 milhões, mas seria ‘esticado’ para USD 225 milhões. A obra, então, a cargo da Mota-Egil, envolvendo ainda a Lyon, não foi concluída, em 2014, ou seja, num horizonte de 25 meses, por falta de pagamento da segunda fase orçada em USD 60 milhões.

## PGR apreende edifícios CIF Luanda One e CIF Luanda Two

O Serviço Nacional de Recuperação de Ativos, da Procuradoria-Geral da República (PGR), apreendeu os edifícios CIF Luanda One e CIF Two, na posse da empresa de direito angolano China International Fund Angola, segundo mandato com a data de 17 de Fevereiro. O documento nomeia como fiel depositário dos edifícios o Ministério do Ordenamento do Território e Habitação e os edifícios em causa estão localizados no distrito urbano da Ingombota, em Luanda, próximo da antiga Assembleia Nacional.

A apreensão decorre nos termos da Lei sobre o Repatriamento Coercivo e Perda Alargada de Bens, em conjugação com a Lei Reguladora das Revistas, Buscas e Apreensões.

A apreensão dos edifícios em causa acontece na sequência de uma outra, realizada na semana passada, de mais de mil imóveis inacabados, edifícios, estaleiros e terrenos na urbanização Vida Pacífica e no Kilamba, arredores de Luanda, que se encontravam na posse das empresas chinesas China International Fund, Limited (CIF Hong Kong) e China International Fund, Limitada (CIF Angola).

A CIF Limited é uma empresa privada chinesa com sede em Hong Kong e um escritório em Pequim, fundada em 2003 para financiar projetos de reconstrução nacional e desenvolvimento de infraestruturas nos países em desenvolvimento, principalmente em África. Em Angola, participou na construção de vários empreendimentos sociais e detém vários empreendimentos, incluindo uma fábrica de cimento, na localidade de Bom Jesus, em Luanda. Segundo um relatório do centro de estudos britânico Chatham House, publicado em 2009, a CIF teria ligações à China Angola Oil Stock Holding Ltd, que negociaria com o petróleo angolano através da China Sonangol International Holding.

# 400

Milhões pés cúbicos/dia é a capacidade de gás natural que a Fábrica ENI-Angola tem de processar, no Zaire.

# 1.200

Milhões de kwanzas por mês, valor que a Empresa Pública de Águas de Luanda (EPAL) pretende arrecadar com a terceira fase da campanha comercial.

# 300

Milhões de dólares, prejuízo que a empresa diamantífera nacional de Angola, Endiama, teve na última década por vender diamantes abaixo do preço.

# 800

Mil euros, fundo disponibilizado pelo governo alemão, para a construção de infra-estruturas ambientais dos parques nacionais de Mavinga e Luengue-Luiana, no Kuando Kubango.